

Autonomia deixou de servir e a resposta está no federalismo

Numa altura em que se debate a reforma da autonomia açoriana, o Professor Carlos Amaral, catedrático da Universidade dos Açores, defende outra técnica de organização - o federalismo, uma solução de representatividade mais próxima dos cidadãos. Segundo Carlos Amaral, para além da dimensão interna, a autonomia tem, também, uma dimensão externa, que nos Açores se revela “na dependência do sistema de relações internacionais”. “O sucesso destas ilhas está sempre dependente da nossa capacidade de prestação serviços ao sistema internacional, que pode ser para proveito próprio, para nosso proveito, ou para proveito alheio. A autonomia só pode significar que estes serviços que nós somos capazes de prestar não vão ser utilizados para proveito alheio, mas têm que ser para nosso proveito”, afirmou.

Numa altura em que se debate a reforma da autonomia açoriana, Carlos Amaral defende outra técnica de organização - o federalismo, uma solução de representatividade mais próxima dos cidadãos.

O sistema autonómico dos Açores deixou de servir e, como tal, deve ser substituído. A opinião é de Carlos Amaral, professor da Universidade dos Açores, que defende, como alternativa, o federalismo.

“Quando a autonomia se traduz na miséria, quando a autonomia se traduz na degradação da qualidade de vida, então é muito simples: ela deixou de servir. A solução também é muito simples: ela deixou de servir e, como tal, tem de ser substituída por outra coisa”, disse o académico, ouvido no programa Grande Entrevista, transmitido na Antena 1/Açores.

De acordo com o especialista em Teoria do Estado, o sistema autonómico regional tem vindo a demonstrar, nos últimos anos, as suas fragilidades, não só pelos números da pobreza - os dados do Instituto Nacional de Estatística revelam que mais de 30% dos açorianos estão em risco de pobreza -, mas também pelo afastamento dos cidadãos em relação à política e aos seus representantes.

É por isso, aliás, que defende o federalismo como resposta ao alheamento, à necessidade de representação dos açorianos e ao centralismo interno que se vive na Região - e que está a “reduzir os Açores a São Miguel e São Miguel a Ponta Delgada ou, pelo menos, ao eixo Ponta Delgada, Lagoa, Ribeira Grande”.

“A autonomia tem de espelhar esta pluralidade, esta riqueza e diversidade que são as nossas ilhas e, por isso mesmo, tem de reconhecer as ilhas como sujeitos políticos, como entes de política e, como entes de política que precisam de ser preservados e a quem urge dar voz - não é irrelevante ser desta ou de outra ilha. É por isso que entendo que o federalismo se recomenda. O federalismo não é um palavão, o federalismo é uma técnica de organização social e política com profundíssimas raízes no pensamento político ocidental. O federalismo para a união das nossas ilhas, sem perdermos de vista que elas existem, unidas na pluralidade, na diversidade, em oposição ao centralismo”, afirmou.

Em causa, explicou, estaria a construção, na Região, de um sistema bicameral, com um “senado”, com os representantes das unidades territoriais de base (no caso, as ilhas) e com um “congresso”, com representantes do todo regional.

“Foi por uma mistura destas duas dimensões que nós optámos no início, quando se optou pela constituição de uma Assembleia Legislativa Regional que elege dois deputados por cada ilha, mais um em função de determinado número de habitantes. Isto foi útil à época; nos dias de hoje

esborou-se, cria dificuldades terríveis e é por isso que precisa de ser revisto. A revisão disto é muito simples, não é preciso inventar a roda: é ver as soluções que o federalismo nos preconiza”, avançou.

Carlos Amaral, professor de Filosofia Social e Política de Estudos Europeus, recusa que se trate de uma duplicação de deputados.

“Esta segunda câmara não necessitaria de estar em permanência e não necessitaria de funcionar a tempo inteiro. Estes representantes das ilhas apenas deveriam intervir, fazer-se ouvir não no debate político partidário corrente, mas nas grandes questões: plano, orçamento, moções de confiança, de censura, grandes opções políticas que possam ser suscitadas à comunidade açoriana - apenas para estas matérias, deixando o jogo político-partidário diário para a segunda câmara, que é como se faz um pouco por todo o ocidente”, referiu.

Por um Estado mais próximo dos cidadãos

O especialista em Teoria do Estado bebe do exemplo do sistema político norte-americano - mais próximo e representativo da vontade dos cidadãos, considera.

“Há quase 40 anos fui aos EUA e vi, no centro da cidade de New Bedford, no edifício dos correios, gabinetes dos deputados eleitos por Massachusetts, dos senadores e dos congressistas, os membros da Câmara de Representantes. Perguntei: “mas não é em Washington que eles trabalham?”, “é, mas aqui também”. Para quem eram aqueles gabinetes? Para os cidadãos poderem aceder a eles. Se um cidadão comum não sabe quem são os seus deputados, como é que vai aceder a eles? Não tem onde, nem tem como. O que é preciso é restabelecer esta espécie de vasos de ligação e que se assegure que o senhor deputado, seja da Assembleia da República, seja da Assembleia Regional, não é alguém que é superior ao cidadão comum e que, por isso mesmo, merece destaque, mas um entre os outros, um igual aos outros, um instrumento, está ali para servir os cidadãos e para levar para os centros de decisão as aspirações reais e assegurar a promoção dos interesses dos seus eleitores. O carácter responsivo da política está a falhar, obviamente”, considerou.

Dependência externa

Segundo Carlos Amaral, para além da dimensão interna, a autonomia tem, também, uma dimensão externa, que nos Açores se revela “na dependência do sistema de relações internacionais”.

“O sucesso destas ilhas está sempre dependente da nossa capacidade de prestação serviços



Carlos Amaral defende reforma profunda da autonomia, questão que está a ser discutida por uma comissão criada no Parlamento açoriano

ao sistema internacional, que pode ser para proveito próprio, para nosso proveito, ou para proveito alheio. A autonomia só pode significar que estes serviços que nós somos capazes de prestar não vão ser utilizados para proveito alheio, mas têm que ser para nosso proveito”, afirmou.

Momentos houve, lembrou, em que a Região conseguiu elevar-se a partir dessa prestação de serviços internacionais.

“Angra do Heroísmo já foi a terceira cidade do país, imediatamente a seguir ao Porto. Nós fomos capazes disto e fomos capazes de, numa austeridade, numa economia de subsistência, de troca directa, de relegar para pouco mais do que a miséria larguíssimas camadas da nossa população. Hoje vivemos momentos conturbados, vivemos uma autêntica revolução sistémica”, disse.

Açores precisam de elites

Para o professor da academia açoriana, não há dúvidas: os Açores precisam das elites que perderam depois da autonomia e da integração europeia.

“Há é um efeito perverso terrível da integração europeia e da autonomia, que se pren-

de com o facto de nós termos, de forma mais ou menos sistemática, dado cabo das nossas elites. Por um lado demos cabo das nossas elites e, por outro lado, não fomos capazes de criar as condições que permitam a fixação, aqui, em cada uma das nossas ilhas, das nossas elites”, afirmou.

Em entrevista à Antena 1/Açores, Carlos Amaral, especialista em teoria do Estado, explica que são as elites quem assegura a promoção das sociedades.

“Foram elites que estavam integradas no espírito do seu tempo e que foram capazes de trazer para os Açores e de promover, nos Açores, os serviços, os bens, as culturas que eram susceptíveis de se traduzir em mais-valias, em outros tantos instrumentos da melhoria da qualidade de vida dos Açores e dos açorianos, que é o que se espera de qualquer forma de governo. Quando olho para o actual regime, o que vejo é que estas elites ou estão a ser dizimadas, ou estão a ser forçadas para a emigração e, por isso mesmo, estão a ser transformadas em instrumentos de desenvolvimento, em vez dos Açores e dos açorianos, das respectivas comunidades de acolhimento”, referiu o professor da Universidade dos Açores.